Existimos: evento de celebração do Dia da Consciência Negra realizado por estudantes de RP a partir da Pedagogia Engajada[1]

Aline Ferreira Lira
Universidade Federal do Amazonas, Manaus/AM

No segundo semestre de 2019 foi ministrada para os estudantes do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Amazonas a disciplina Tópicos Especiais em Relações Públicas, cujo conteúdo foram as relações étnico-raciais. O objetivo da disciplina era promover o reconhecimento da identidade, da cultura e da história dos negros brasileiros, contribuindo para o desenvolvimento de consciência crítica em relação às questões étnico-raciais no Brasil. Este trabalho apresenta o evento *Existimos*, planejado e executado pelos estudantes como avaliação final da disciplina, conduzida a partir da Pedagogia Engajada, proposta por bell hooks[2]. Além de valorizar a cultura afro-brasileira, o Existimos propiciou a identificação de possibilidades de atuação do profissional de Relações Públicas na promoção de igualdade social e étnico-racial por parte de estudantes de períodos iniciais do curso.
Palavras-chave: Relações Ético-Raciais; Pedagogia Engajada; Evento; Relações Públicas; Existimos.

Introdução

A disciplina Tópicos Especiais em Relações Públicas, ministrada durante o segundo semestre de 2019, foi baseada pedagogicamente na obra do bell hooks (2017), que parte da interação entre as práticas pedagógicas anticolonialista, crítica e feminista, baseada no princípio de que o "prazer de ensinar é um ato de resistência que se contrapõe ao tédio, ao desinteresse, e à apatia onipresentes que tanto caracterizam o modo como professores e alunos se sentem diante do aprender e do ensinar" (HOOKS, 2017, p. 21).

Para isso, a autora propõe a criação de comunidades de aprendizado, o que só é possível quando a sala de aula é vista como um espaço comunitário onde não só o professor, mas também os estudantes são responsáveis pela dinâmica da sala. Entretanto, como hooks (2017) ressalta, esta sala de aula não é, na maioria das vezes, harmônica. Pelo contrário, os dissensos são comuns. Ao invés de promover um pensamento único, o mais importante em uma sala de aula engajada, decorrente de uma comunidade de aprendizado, é a possibilidade de facilitar o desenvolvimento de pensadores críticos, entusiasmados com a atividade intelectual e dispostos a conviver com as diferentes visões de mundo.

Em função do próprio tema trabalhado na disciplina, a Pedagogia Engajada de hooks (2017) pareceu acertada. Antes da concepção do evento, foram abordados teoricamente os principais assuntos concernentes às relações étnico-raciais. Autores como Munanga (2003), Santana (2015), Nascimento (2019), Schwarcz (2019) e Jesus (2019) foram discutidos considerando-se, como aponta hooks (2017, p. 22), que "a voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, sempre em diálogo com o mundo fora dela". Isto é, a orientação durante as discussões e para a elaboração de impressões de tais obras por parte dos estudantes é que fossem considerados os contextos em que os textos foram elaborados, o histórico de cada autor, a linguagem empregada e como cada novo conhecimento adquirido poderia estar relacionado ao próprio estudante e ao conhecimento sobre o seu viver no mundo.

A obra de Kilomba (2019), particularmente quando trata de decolonização da escrita na universidade, foi utilizada como inspiradora para a produção de tais textos. A autora considera

[1] Trabalho apresentado no Colóquio Acadêmico de Formação do Professor Universitário

[2] Pseudônimo de Gloria Jean Watkins, criado em homenagem à sua bisavó materna. A autora prefere usar esse nome com letras minúsculas, mesmo, para dar mais destaque à sua obra que à sua pessoa. Neste trabalho, é respeitada a opção da autora em grafar seu nome em letras minúsculas.

que o conhecimento, a erudição e a ciência são próprios do poder e da autoridade racial, resultantes do pós-colonialismo. Nesse sentido, foi explicado aos estudantes que a solicitação de *textos*, sem especificar um gênero acadêmico (embora quem quisesse poderia, se se sentisse mais confortável, escrever uma resenha ou resumo crítico, por exemplo), abria espaço para o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, tornando possível uma abordagem que pudesse descrever a realidade do estudante, permitindo a produção de um texto que pudesse ser emancipatório e alternativo (KILOMBA, 2019).

O Evento Existimos

Uma das premissas da Pedagogia do Engajamento, de hooks (2017), é o alinhamento da teoria à prática. Por isso, como avaliação final foi proposta por esta professora à Assessoria de Comunicação da UFAM a realização, pelos estudantes da disciplina, de um evento em comemoração ao Dia da Consciência Negra, em nome da instituição. A Assessoria aceitou, inclusive, fazer parte da tutoria dos estudantes[3] que fossem trabalhar com a divulgação do evento.

Após o contato com a Assessoria, a proposta do evento foi discutida com os estudantes da disciplina, que aceitaram com entusiasmo desenvolver uma ação real de Relações Públicas já no segundo período do curso. Seguindo a abordagem de hooks (2017), foi proposto aos estudantes que assumissem o protagonismo na realização do evento, e a atuação desta professora seria de curadoria e tutoria. Após uma breve aula sobre organização de eventos, os estudantes passaram a discutir sobre o tema do evento, o que foi bem demorado devido ao arcabouço teórico a que eles tiveram acesso. O primeiro ponto de concordância é que não se realizaria um evento de *conscientização*, e sim de celebração de todas as conquistas resultantes de lutas de movimentos sociais e de acadêmicos em prol da emancipação do negro da sociedade.

Outra questão bastante discutida foi o tema. Como pelo menos dois estudantes passaram a se identificar como negros a partir da leitura dos textos e das discussões em sala de aula, a proposta foi abordar um tema que tratasse não só da população preta retinta, mas também de pardos. Carneiro (2018) esclarece que a divisão da população negra no Brasil entre pretos e pardos, morenos, mulatos etc., ocorre com o objetivo de estabelecer fissuras em sua identidade étnica e cultural. Assim, de acordo com a autora, tais diferenciações falseiam a importância numérica da população negra no Brasil; fragmentam a identidade racial do negro brasileiro; e são resultado do esforço institucionalizado de embranquecimento do país. “Portanto, evidencia-se o caráter político ideológico que essas diferenciações têm no interior dessa sociedade, assim como suas consequências para a população negra em geral”. (CARNEIRO, 2018, p. 15).

Assim, o tema escolhido foi Existimos, com o objetivo de apresentar e discutir a presença da população negra na UFAM, evidenciando que, ao contrário do que se costuma afirmar no Estado, com base no senso comum, a presença da população negra é, sim, expressiva não só na UFAM, mas no Amazonas (SAMPAIO, 2011).

Como mencionado anteriormente, a maioria dos estudantes pertencia ao segundo período do curso de Relações Públicas. Em função disso, esta professora optou por desenvolver o projeto do evento, com base em Kunsch (2003), bem como seu *check-list*. Foi sugerido que se formassem pequenas equipes para a realização do evento. Após discussão, foram criadas as comissões de produção, responsável pela feira de produtos afro-brasileiros, pelas atrações artísticas e pelos palestrantes do evento; de divulgação, que trabalharia diretamente na Assessoria de Comunicação da UFAM; e a secretaria, que ficaria responsável pela elaboração de crachás, inscrições, declarações e recepção e lanche dos convidados. Ao contrário do que normalmente acontece em eventos acadêmicos, a coordenação geral do evento não ficou sob a

[3] A tutoria foi realizada pelas duas profissionais de Relações Públicas que trabalham na Assessoria de Comunicação.

responsabilidade desta professora, e sim de uma estudante, negra, atuante em movimentos sociais e escolhida pela turma.

Resultados Alcançados

O evento Existimos foi divulgado na página e nas redes sociais da UFAM e do Curso de Relações Públicas, com peças e textos elaborados pelos próprios estudantes. O release do evento, criado por um estudante, foi enviado, via Assessoria de Comunicação, para a mídia local. Matérias com o conteúdo na íntegra do release foram publicados em portais locais, como o G1 Amazonas e até em portais nacionais de educação, como o Infoescola.

Os principais resultados, entretanto, consistem no engajamento dos estudantes para a sua realização, a discussão de temas relevantes como a presença do negro no Amazonas e possiblidade de contato da comunidade universitária da UFAM com a cultura negra regional, como foi o caso da batalha de MCs, o *Slam*[4] e a apresentação de danças de rua, como o *breakdance.*

A condução da disciplina a partir da Pedagogia do Engajamento, como proposto por hooks (2017), possibilitou a esta professora uma melhor percepção das habilidades e dificuldades de cada estudante, além de permitir que cada um deles fosse, efetivamente, visto e ouvido pelos colegas em sala de aula.

Considerações Finais

Como hooks (2017) indica, desenvolver a Pedagogia do Engajamento e promover a cultura de comunidade de aprendizado em sala de aula não é tarefa fácil. Inicialmente, os estudantes apresentaram resistência à forma da professora de conduzir as aulas e tiveram dificuldade de participar, principalmente na primeira aula. No decorrer da disciplina, e principalmente durante as fases de planejamento e de execução do evento, os estudantes foram percebendo as vantagens de participar e de se responsabilizar, efetivamente, pela sua formação intelectual e profissional.

Ao final da disciplina, os estudantes, assim como o coordenador do curso, avaliaram que esta deveria ser uma disciplina obrigatória, pois, de acordo com os primeiros, ela permitiu uma nova forma de ver não só a cultura negra no Amazonas, mas perceber seu papel e sua responsabilidade no processo de ensino-aprendizagem.

Referências

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida.** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo.** 10. ed. São Paulo: Ática, 2019
KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada.** 4. ed. São Paulo: Summus, 2003.
NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo:** documentos de uma história de militância Pan-Africanista. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.
SAMPAIO, Patrícia Melo. **O fim do silêncio:** a presença negra na Amazônia. Belém: Açaí, 2011.
SANTANA, Bruna. **Quando me descobri negra.** São Paulo: Sesi Editora, 2015.
SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

[4] Batalha de poesia, normalmente com tons de protesto.